

Por onde andas

Patinadores de smoking, ciclistas com animais, palhaços, homens e mulheres em trajes de banho, e até um voyeur. O administrador Paulo Dubois vê e ouve Brasília passando em frente ao seu local de trabalho

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press

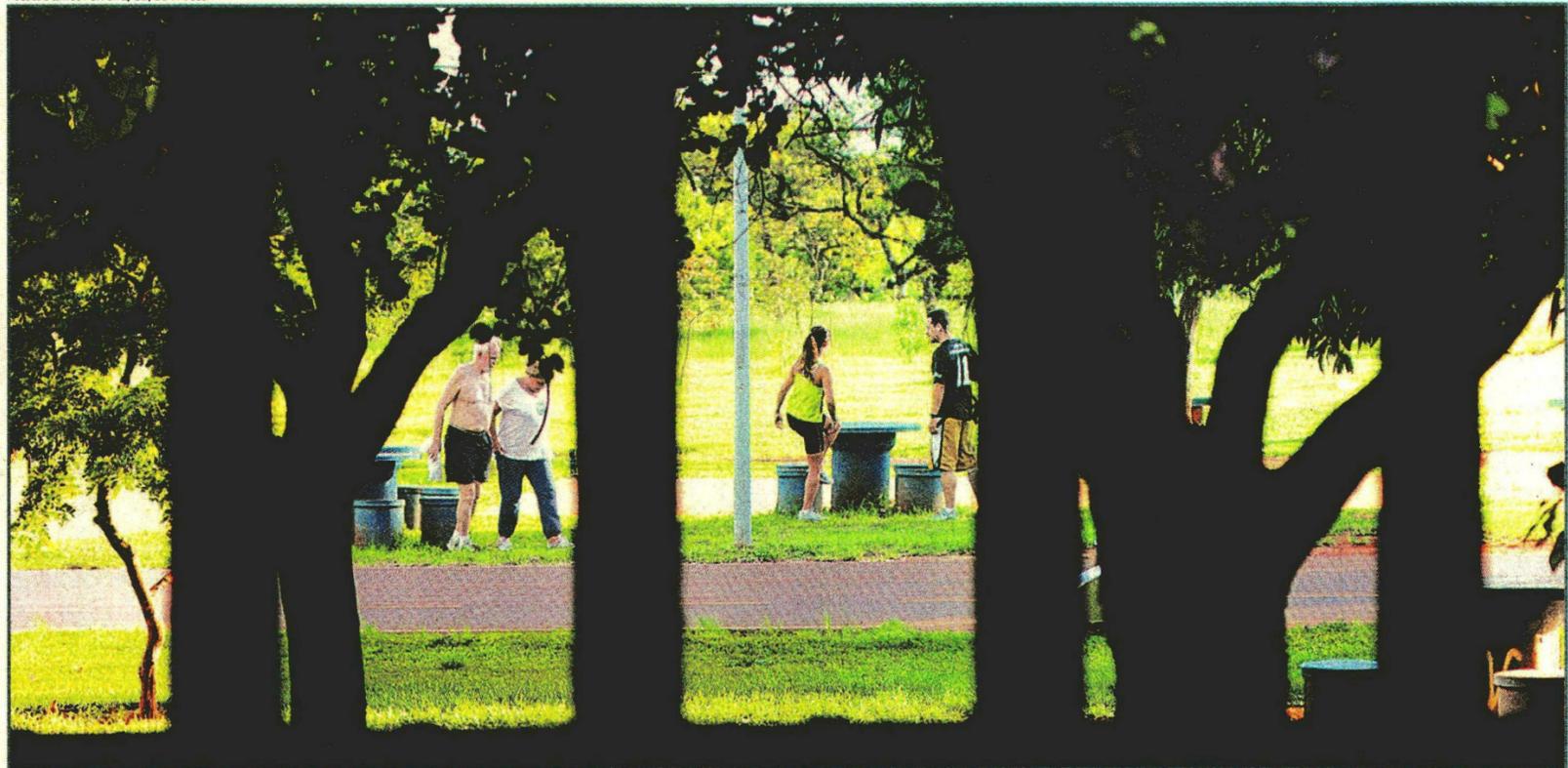
» RAFAEL CAMPOS

Batidinhas na janela tiraram a atenção de Paulo Dubois, administrador do Parque da Cidade, enquanto ele se ocupava das burocracias do cargo. Uma senhora carregando duas grandes sacolas, com oito quilos de ração para patos, chegava reclamando que os bichos não estavam sendo alimentados pela direção, e ela quem estava se encarregando da tarefa.

"Expliquei a ela que alimentávamos todos os gansos diariamente, que ela não precisaria ficar preocupada", lembra Dubois. Qual não foi sua surpresa quando a preocupada senhora retrucou: "Os gansos sim. Os patos, que são menores e mais fracos, não estão conseguindo comer nada!", disse ela, fazendo com que o administrador tivesse exata noção do quão grande era a janela de demandas de que ele tomaria conta.

Diariamente, Dubois vê, da janela, casais caminhando de mãos dadas, homens e mulheres em trajes de banho, pés de pequi, acácia e ipês. É um recorte que mostra pouco do colorido que existe nos 420 milhões de m² do parque. Porém, traduzem Brasília na sua diversidade.

"Estive no parque, pela primeira vez, em 11 de outubro de 1978, tomando sorvete de morango, e daí em diante sempre o frequentei. Mas achava que o conhecia. Agora, como administrador, é que estou tendo real noção do que ele representa", conta Dubois.

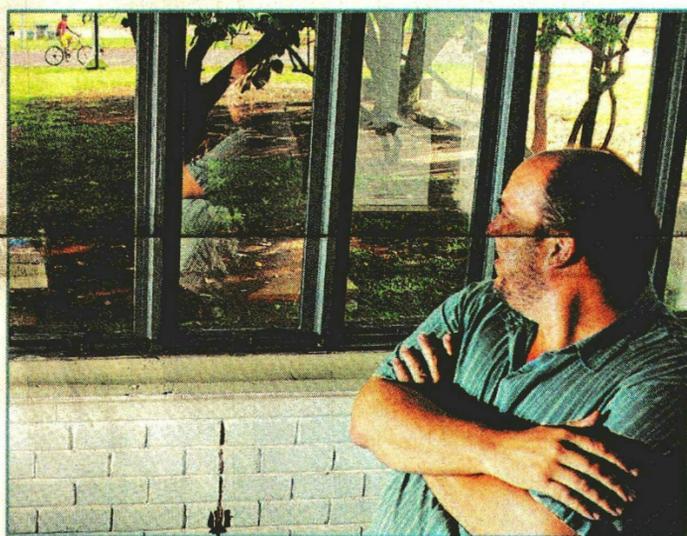


O parque é uma janela aberta para Brasília. Nele, é possível admirar patinadores vestidos de smoking, ciclistas carregando animais de estimação, palhaços que divertem os passantes. "Já conversei, inclusive, com um voyeur, que veio reclamar do fechamento dos estacionamentos durante à noite. Ele me implorou para que a decisão fosse mudada porque, há 30 anos, vinha todos os dias ao parque olhar os casais. Disse que era sua vida", lembra.

A decisão de fechar os estacionamentos foi uma das medidas que o administrador adotou para abrir ainda mais a janela do parque para Brasília. "Desde que

cheguei, já fiz contato com mais de 130 organizações que o utilizam, ouvindo suas reivindicações. Essa é a intenção: buscar as opiniões de forma direta, ouvir os apelos e promover uma interlocução que traga benefícios", explica.

O grande desejo é fazer uma audiência pública que dê voz a todos que usam os benefícios do parque: desde as famílias que, de acordo com o administrador, cada vez mais voltam a usá-lo, até mesmo o senhor que, na certeza de ter visto discos voadores, garantiu que fará um estudo para a construção de um aeroporto de ovni's entre as plantas. Como se nota, a janela é ampla e os anseios também.



"Estive no parque, pela primeira vez, em 11 de outubro de 1978, tomando sorvete de morango, e daí em diante sempre o frequentei. Mas achava que o conhecia. Agora, como administrador, é que estou tendo real noção do que ele representa"

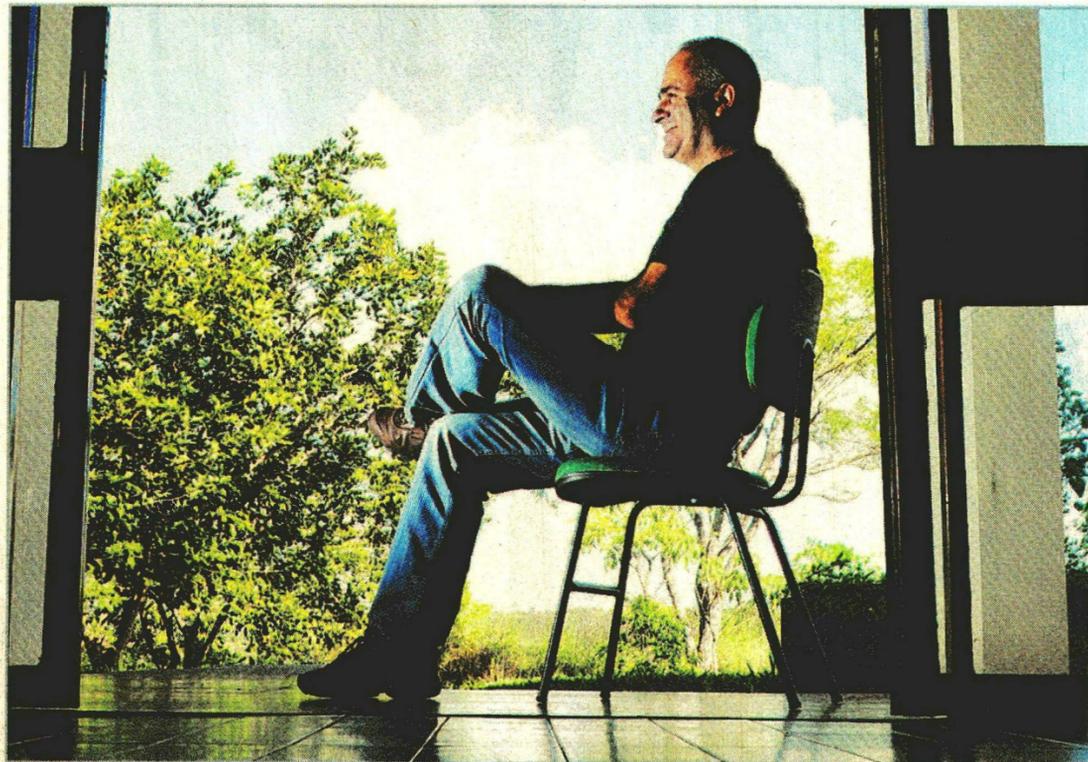
JANELA DO PARQUE NACIONAL

» LUIZ PRISCO

A primeira decisão do gaúcho Amauri de Sena Motta quando veio para Brasília, há cerca de um ano, foi trocar a posição da mesa na sede da administração do Parque Nacional e com isso ficar de frente para o cerrado. Amauri não conhecia a savana brasileira. Nasceu e viveu em Rio Grande, entre a Mata Atlântica e o Pampa. A janela, que ocupa toda a parede em frente a mesa e também funciona como porta para a varanda, permite que ele se surpreenda diariamente com a vegetação de pequenas árvores de troncos retorcidos e recurvados. O espanto não é à toa. O cerrado abriga cerca de 33% da biodiversidade brasileira. Parte generosa dessa fauna e flora está lá, nos 42 mil hectares do Parque Nacional de Brasília, a 10 km do centro da capital.

É por meio de uma janela que, serve também de porta, que Amauri admira a vegetação do Parque Nacional. Do cerrado, ele tira inspiração e determinação para seguir administrando a imensa área verde. "Para trabalhar na questão ambiental, tem que ser idealista. Não tem jeito. É muito difícil, há uma enormidade de coisas que você tem que lidar. Olhar o cerrado é o ânimo diário para continuar nesta luta", explica.

O amor de Amauri pela natureza é perceptível. Ele não atende ao estereótipo de um funcionário público, como aqueles dos ministérios e tribunais. Não usa terno e gravata e nem tem fala embolada. Ao contrário, recebeu a equipe do Correio vestindo tênis, calça jeans e uma camisa preta, com



simpatia e discurso simples. Durante toda a conversa, ele não tirava os olhos da vegetação, apontava diversas vezes para o horizonte e não se cansava de ressaltar a importância das árvores, arbustos e animais.

Amauri não vê a Brasília dos ministérios, prédios e arquitetura moderna. A metrópole vista da janela do Parque Nacional é diferente, parece um espaço ainda não ocupado pelo homem. Na visão do ecólogo esse é um dos maiores privilégios

dos brasileiros. "Brasília tem áreas verdes em quantidade suficiente para agradar aos olhos, apesar de toda a pressão imobiliária", afirma.

O cerrado, como todo bom brasileiro sabe, é marcado por duas estações. Verão chuvoso que alaga a cidade e inverno seco o suficiente para sangrar o nariz. Essa sazonalidade do bioma é a característica preferida de Amauri. Ele, que nunca tinha ficado quatro meses sem sentir o cheiro da chuva, ficou encantado

com o momento que as águas voltam a cair do céu da capital.

"A volta da chuva é um presente. É um espetáculo. O melhor é que daqui assisto a tudo de camarote. Não acredito que vá encontrar no mundo bioma que surpreenda tanto quanto esse. Todo dia é uma surpresa", comenta o entusiasmado Amauri.

O amarelo que toma conta da primavera brasileira encanta o gaúcho. Essa beleza é gerada por uma árvore que já faz parte da cultura da cidade, o ipê. "Ele é fantástico. É uma cor que nenhuma indústria do mundo consegue reproduzir. Sinceramente, o show que o cerrado oferece durante a primavera é apaixonante", declara o ecólogo.

Espectáculo que não encobre a preocupação do administrador do parque com a ação do homem sobre o meio ambiente. "Nosso país

atravessa um momento de desenvolvimento, de expansão, mas temos que escolher o local adequado para habitar. O foco tem que ser ambiental, não pode ser imobiliário. É preciso se instalar sem destruir", alerta.

Apesar das dificuldades e pressões que o trabalho com a natureza podem trazer, Amauri não pensa em desistir. Por quê? A resposta é o amor. "É preciso amar o que você faz, é necessário. Se você ama e acredita, consegue seguir em frente."